

***Slow journalism* e jornalismo de bordas: a etnografia como instrumento na grande reportagem¹**

Luis Fernando ASSUNÇÃO²
Luci Ani Pereira PINTO³

Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp)

RESUMO

Há uma relação estreita entre jornalismo e etnografia, especialmente a partir de novos modelos de produção e criação jornalísticas como o *slow journalism* e o jornalismo de bordas. Nesses modelos as regras básicas são a observação participativa, o aprofundamento na apuração e na narrativa, além de um apego às minúcias das histórias dos personagens envolvidos, especialmente no jornalismo investigativo. Neste artigo, de forma exploratória ainda, o objetivo é enumerar aproximações e paralelos entre a etnografia, o *slow journalism* e o jornalismo de bordas. E apontar que há uma possibilidade do surgimento de um novo modelo jornalístico a se contrapor com a velocidade e a necessidade do furo instantâneo caracterizado pelo jornalismo contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo de bordas, *slow journalism*, etnografia.

ETNOGRAFIA NO JORNALISMO

O ato de reportar, de apurar, de observar como instrumentos do jornalismo de profundidade em muito pode ser comparado ao método etnográfico utilizado por antropólogos. Essas reportagens mais profundas e densas necessitam de técnicas que nem sempre são usuais em outras modalidades jornalísticas, como por exemplo, a observação participante, o apego a detalhes aparentemente desnecessários, o mergulho na vida das pessoas a serem retratadas na narrativa, entre outros.

Nem o questionamento sobre a aparente ambiguidade entre as duas disciplinas, o jornalismo e a etnografia, parece sobreviver quando ambos são comprados. De fato, este questionamento é válido. O jornalismo trabalha, na maior parte do tempo, com questões

¹ Trabalho apresentado na DT - Jornalismo do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 7 a 9 de junho de 2018.

² Professor de jornalismo do Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp), campus Engenheiro Coelho, e-mail: lufeassuncao83@gmail.com

³ Jornalista formada pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp), campus Engenheiro Coelho, em 2017 e-mail: lucianipereirapinto@gmail.com

do universo macroscópico, trabalhando com aspectos em grande escala. Já a etnografia, em seu princípio básico, se preocupa com questões e processos microscópicos de comportamentos e códigos culturais de grupos específicos dentro da sociedade. No entanto, em muitas reportagens do chamado jornalismo de profundidade, a ênfase está justamente universo micro do personagem, através da narrativa de suas experiências, ou seja, o jornalista como contador de histórias. E para isso, naturalmente, o jornalista precisa bem mais do que uma simples entrevista de alguns minutos com o personagem.

Este artigo, de forma exploratória e ainda pouco aprofundada, pretende mostrar reflexões primeiras sobre a aproximação entre a etnografia e o jornalismo que, aliás, não é recente: um dos casos mais famosos foi o estilo jornalístico cunhado por Gabriel Garcia Marquez. O jornalista e escritor colombiano adotava o conceito de intérprete dos eventos e defensor de causas sociais. Essa visão, herdada em parte do jornalismo europeu, opõe-se à noção de objetividade do modelo norte-americano, inicialmente adotada como estratégia comercial e, mais tarde, incorporada às normas profissionais e a ideologia de responsabilidade profissional. (CAREY, 1969).

Garcia Marquez distancia-se da ideia de objetividade porque não está interessado na sequência lógica da realidade. Sente-se livre para contar as emoções humanas e o impacto de forças impessoais como a tecnologia ou a crise econômica na vida das pessoas (HERSCOVITZ, 2004). Um dos trabalhos mais famosos de Gabo, como era conhecido no meio jornalístico e acadêmico, é a série feita sobre o Chocó, uma região isolada na floresta amazônica, situada na Colômbia. Intitulada “O Chocó ignorado pela Colômbia,” escrito por e publicado em 1954, pelo jornal El Espectador, Gabriel Garcia Marquez viajou diversas vezes e conviveu com aquela população, pretendendo entender muito mais dos aspectos superficiais – ele queria entender aquele povo, sua cultura, seus códigos. E, para isso, realizou observação participante e precisou se inserir na comunidade para levantar mais e melhores informações para sua narrativa.

Há, portanto, muitas semelhanças entre o trabalho de campo de um antropólogo e de um jornalista. As coletas das informações devem implicar a ida a campo, em se realizar a observação participante e em se conversar com as pessoas que fazem parte daquela história a ser narrada. E não foi apenas Gabo que incorporou a etnografia em sua atuação jornalística. Outro caso marcante foi dos jornalistas James Agee e Walker Evans que, nos anos 40, fizeram uma incursão para espelhar a vida dos meeiros no estado do Alabama, nos EUA.

Depois de semanas em observação participante, a dupla organizou um dos mais intrigantes materiais jornalísticos norte-americanos: o livro “Let Us Now Praise Famous Men”. Agee escreveu a obra na primeira pessoa, trazendo outras possibilidades para apuração, descrição, além da contiguidade física, temporal e pessoal entre o autor e os acontecimentos que narra, seus temas e histórias. Em outras palavras, o autor tem a autoridade, conhecimento e domínio sobre seus temas e assuntos, devido à sua proximidade com o assunto abordado. Nesse caso o autor pode dizer: eu vejo isso, eu estou aqui, eu sei disso. Nesse sentido, a tradição norte-americana de não-ficção narrativa torna-se um registro experiencial das particularidades de tempo e espaço, especialmente por seus testemunhos diretos. Tudo isso emoldurado pelas fotografias de Walker Evans.

Essa tendência de narrativa não-ficcional e aproximada à etnografia no jornalismo chegou, de alguma forma ao Brasil. Especialmente nos textos publicados na revista Realidade, em sua fase áurea entre 1967 e 1969. Na revista, os jornalistas experimentaram um resquício da influência tanto do *New journalism* norte-americano, quanto do *Testimonio* latino-americano, ambos que também bebiam na fonte da etnografia. Em suas reportagens, Realidade entrecruzou essas características e, embora não tivesse absolutamente nenhum cunho de denúncia política ou luta contra o regime autoritário que vigorava no Brasil, utilizou as bordas dos problemas sociais no país para fazer um jornalismo de certa forma denunciador da pobreza, dos tabus vigentes e dos costumes abafados da sociedade local. E os jornalistas precisam mergulhar nos temas, através da observação participante, para descreverem com rigor ao leitor as características e os pormenores daquela pauta.

SLOW JOURNALISM: BOM, JUSTO E LIMPO

O termo *slow journalism* surgiu a partir da necessidade de o jornalismo de profundidade começar a ganhar espaço na web, local tradicional de textos enxutos, rápidos, para uma audiência teoricamente sem tempo para ler textos mais aprofundados. Este termo está dentro do movimento mundial conhecido como *slow-movement*. A ideia principal é produzir um bom, justo e limpo produto para a sociedade. O *slow*, portanto, é um movimento que se contrapõe à forma como a produção de conteúdo e de informação tem sido é atualmente feita, principalmente em espaços digitais: análises

rasas e sem profundidade no estudo e na coleta dos dados para se escrever a uma reportagem jornalística. Esse formato de se fazer e de se pensar a comunicação e o jornalismo ganha muito espaço em na contemporaneidade, já que propõe uma nova forma de pensar e produzir as reportagens jornalísticas.

Para Prazeres (2017) o *slow journalism* está inserido em um movimento amplo de desaceleração da vida, que teve seu início com o *slow food* (relacionado à comida) e vem ganhando corpo ao redor do mundo em diversas frentes da vida e da existência, como as cidades, a medicina, a moda, entre outras. Não se trata de uma tendência, nem tampouco de uma nostalgia no que diz respeito à sua relação com o jornalismo *hard news*, *breaking news* ou ao jornalismo supostamente veloz, fragmentado e frenético da contemporaneidade. O jornalismo lento existe e sua relação com o jornalismo “rápido” é dialética, mas a razão de sua existência não é o combate à velocidade; e sim a busca por oferecer alternativas de produção e consumo de informação para quem quer fazer isso obedecendo a outros processos, que dão origem a outros produtos e a outros tipos de recepção e engajamento.

As perguntas que parecem mover a criação de um campo de prática e reflexão para o jornalismo lento dizem respeito ao cenário de saturação e excesso de informação em que vivemos: de quanta notícia eu preciso? Quando eu preciso? E o que realmente importa nas notícias? Supostamente, para o jornalismo lento, a informação que importa pode chegar na próxima semana ou no próximo mês, em geral, quando há tempo para digerir e interpretar (PRAZERES, 2017).

No Brasil, as discussões sobre o jornalismo lento em ambientes digitais parecem estar circunscritas a um debate sobre o formato e as linguagens do jornalismo e as possibilidades de um jornalismo mais aprofundado na rede, como, por exemplo, os debates sobre o formato *LongForm*. Trata-se de uma visão do jornalismo lento como uma mídia para ser consumida lentamente. No entanto, Prazeres (2017) defende que a lentidão (e seus aspectos) se aplicam também a outras etapas do processo jornalístico e não apenas à recepção: o *slow* pode estar também no processo de produção e em algumas características do produto jornalístico.

A velocidade no jornalismo sempre foi um argumento basicamente comercial, relacionado ao fetiche do furo. Como valor-notícia, a velocidade passou a fazer ainda mais sentido depois do advento das tecnologias, pois dar uma notícia primeiro em tempo real é um dos aspectos considerados para a construção e a afirmação de um

veículo noticioso, na relação com sua audiência e com eventuais apoiadores. O *slow* não se trata necessariamente de desmontar esta tese ou de desmerecê-la. Trata-se sobretudo de questioná-la, de ponderá-la e de oferecer, na prática, alternativas de jornalismo complementares a ela. Em tempos de fragmentação e brevidades e da disputa de atenção a qualquer custo, em que jornalismo e entretenimento competem e muitas vezes se misturam em nome de um suposto engajamento, o *slow* é a busca pelo contexto, pela compreensão e pela credibilidade (PRAZERES, 2017).

Medina, citada por Rovida (2015) propõe a comunicação jornalística como uma mediação dialógica: “o comunicador irá atuar com o mundo das ideias, o imaginário coletivo e com os comportamentos culturais (...) para encaminhar a mediação de forma a lidar com a complexidade das situações sociais apresentadas, ultrapassando os reducionismos e colocando em diálogo os protagonistas de suas narrativas e aqueles que fazem parte do público”. Medina (1996) ainda lembra que para que isso aconteça é necessário que o jornalista realize uma imersão na realidade nos espaços em que aquelas situações sociais se desenrolam. E esta imersão precisa contemplar uma descrição densa dos fatos e questões, uma observação intensa e entrevistas em profundidade.

Para quem já conhece os princípios básicos da etnografia, percebe a conexão. A utilização dos princípios básicos da etnografia permite a realização de uma boa reportagem jornalística baseada em princípios e técnicas como a descrição densa, da observação participante e os registros etnográficos da população a ser estudada. Atualmente, há um vasto campo nas mídias sociais para jornalistas coletarem dados e escreverem suas reportagens e, com técnicas aplicadas da etnografia nas mídias sociais, é possível fazer estes estudos seguindo a linha do *slow-journalism*.

Castilhos (2016) defende, entretanto, que o *slow* vem para modificar de forma bem mais ampla o processo jornalístico. A instantaneidade informativa foi de tal maneira incorporada à rotina jornalística que a surpresa ou espanto só se manifestam quando alguém decide propor algo diferente. Se a obsessão com a primazia já era grande na era analógica do jornalismo, ela se tornou ainda maior com a chegada da computação e da internet. Tão intensa que a maioria dos profissionais simplesmente não sentem que pode haver outras alternativas. Segundo Castilhos (2016) a priorização da velocidade ganhou ainda mais força com a multiplicação dos canais 24 horas de notícias na TV, onde além da urgência, a massificação informativa passou a ser a marca registrada deste tipo de programação.

Uma mesma notícia é retransmitida várias vezes no mesmo dia, com raras atualizações, levando o espectador a achar que repetição é sinônimo de relevância. Para as redações, a repetição é um recurso para encher espaços na transmissão e não ficar atrás dos concorrentes, o que acaba padronizando quase todos os noticiários, independente da emissora. Para Castilho (2016) o caso do chamado jornalismo lento, tenta provocar uma reflexão sobre a forma como a maioria esmagadora dos profissionais trata a notícia, priorizando a velocidade sobre a explicação, contextualização e reflexão. Questiona acima de tudo a real necessidade da urgência e da preocupação em dar a notícia na frente da concorrência.

Castilhos (2016) reforça que o advento do *slow journalism* precisa trazer embutido mudanças profundas nas produções jornalística e produtiva das empresas. E nesse aspecto, há um entrave sério para sua implantação. A ideia põe em dúvida toda a arquitetura de comercialização da notícia montada pelas grandes empresas jornalísticas e que foi transformada em estratégia padrão pelas corporações do ramo da comunicação. Nos jornais impressos, a estratégia se manifesta na crescente pulverização noticiosa, com a transformação das primeiras páginas em verdadeiros quebra cabeças de manchetes, onde a explicação se resume e no máximo duas ou três linhas, quando tanto.

Na televisão e no rádio, a palavra-chave é “ritmo”. Ainda segundo Castilho (2016), isso explica a velocidade exaustiva com que os apresentadores e repórteres narram as notícias. Os editores partem do princípio de que se não for rápido, o espectador acaba se desinteressando. Trata-se de uma postura que na verdade tenta se auto-justificar, porque pouco se sabe a respeito do comportamento do público, quando exposto a um noticiário menos frenético e mais preocupado em explicar questões complexas.

A preocupação com a urgência e com a pressa leva ao que se convencionou chamar de “informação por impulso”, ou seja, o espectador é levado a uma montanha russa de notícias, onde ele só capta aquelas que despertam seus impulsos emocionais (rejeição, adesão, raiva, simpatia, admiração etc.). Este tipo de comportamento induzido tem como resultado a redução acentuada da capacidade de reflexão, especialmente nas questões mais complexas, que hoje já formam a grande maioria dos temas abordados na imprensa (CASTILHO, 2016).

A dificuldade ou incapacidade de assimilar esta avalanche noticiosa gera uma angústia informativa, que reduz a capacidade de entender e refletir sobre questões

complicadas. A soma de todas estas consequências da urgência e da primazia na veiculação de notícias, ao reduzir nossa capacidade de lidar com questões complexas e a tomar como verdade incontestável o que é publicado. Isto faz do *slow journalism* uma solução editorial capaz de reduzir a angústia informativa de leitores, ouvintes, telespectadores e internautas, provocada pela falta de explicação para questões mais profundas. Mas é certo que ela já enfrenta resistência das grandes corporações jornalísticas porque afeta um modelo de negócios, um comportamento padronizado nas redações e uma estratégia política de controle da opinião pública (CASTILHO, 2016).

Alguns autores defendem que o jornalismo na web difere apenas nas ferramentas e não na dimensão da narrativa. Canavilhas (2014) observa que o modelo de referência do webjornalismo continua sendo a imprensa escrita. Explica-se o hipertexto como uma estrutura que possui blocos informativos e hiperlinks como componentes essenciais, sendo uma escrita não sequencial, um texto com várias opções de leitura e que permite ao leitor opções de escolha. E que, no fim das contas, pode ser considerada uma grande reportagem em blocos, assim como no jornalismo impresso. Dessa forma o texto do webjornalismo transforma-se em uma tessitura informativa construída por blocos de informação conectados através de ligações ou links. Canavilhas afirma que, na web, o espaço não é reduzido e dá vazão a práticas diversas que não apenas a escrita jornalística clássica, e não utilizar recursos multimídia mais “pesados” contribui para uma leitura mais linear, por exemplo.

JORNALISMO DE BORDAS E SUAS CONEXÕES

O jornalismo não costuma reparar nas franjas da sociedade. As pautas são normalmente direcionadas ao que é chamado valor-notícia. O que está na borda não chama a atenção nem vira notícia. A borda se refere ao extremo ou margem de algo. É um confim no qual se verifica um limite, o perfil ou figura que fecha uma forma configurando-a e estabelece o deslinde entre esta e seu entorno adjacente, gerando um fecho perimetral. A borda, mais do que uma periferia, é uma franja, uma área ou espaço existente e produtor. O espaço de borda se percorre com a consciência de estar em um espaço diferenciado que encerra um lugar ou que separa áreas diferentes, que ficam lateralizadas pelo percurso. Esse é o jornalismo de bordas, ou seja, uma exclusão do

centro, aquilo que fica numa faixa de transição entre uns e outros, entre o tradicional e aquela porção que detêm maior atualização e prestígio.

No jornalismo, como essas bordas emergem? Os pobres e miseráveis, as bordas ou as franjas da sociedade, não são pautas frequentes. Salvo se houver crime, violência ou algum aspecto que possa trazer o interesse para as capas e manchetes dos veículos. Alguns jornalistas, entretanto, quebraram essa regra e decidiram que a parte das bordas da sociedade deveria aparecer em jornais e revistas como uma parte necessária e digna de ser mostrada à sociedade. Talvez um dos primeiros jornalistas a se interessar por esse tipo de escrito tenha sido o dinamarquês-americano Jacob August Riis. Ainda no século 19, Riis escreveu “How the Other Half Lives: Studies among the Tenements of New York” (1890), onde mostrava a vida nos cortiços da Nova York vitoriana entre fotos e reportagens.

Riis foi muito provavelmente o primeiro jornalista no mundo a tratar as questões sociais nas páginas de jornais, dando voz a pobres e miseráveis marginalizados econômica e socialmente do restante da população. Com suas reportagens escritas e fotográficas, ele conseguiu mudar uma realidade social em Nova Iorque, através da implementação de uma lei federal que retirou essas pessoas da miséria e, no local dos cortiços foram construídos parques e praças para convívio de toda a sociedade. Riis também se destacou como fotógrafo e um dos primeiros a utilizar o *flash* em suas fotos.

Outro exemplo de jornalismo de bordas veio também dos Estados Unidos. No verão de 1936, durante a Grande Depressão norte-americana, o escritor e jornalista James Rufus Agee, junto com o fotógrafo Walker Evans, passou oito semanas vivendo com meeiros no Alabama. A reportagem, originalmente encomendada pela revista Fortune, deveria mostrar o dia a dia de “brancos pobres” que sobreviviam contratados para as plantações de algodão da região. Agee foi além. Mostrou com textos sensíveis e informativos as dificuldades de um grupo ignorado (brancos e negros) não apenas pela imprensa, mas especialmente pela sociedade.

A direção da Fortune recusou-se a publicar a reportagem, pela crueza das informações e implicações políticas e econômicas envolvidas no tema. Agee demitiu-se da revista sem ver impressa a sua grande reportagem. Ele então decidiu transformar o material em um livro. O resultado foi “Let Us Now Praise Famous Men”, publicado em 1939 e só lançado no Brasil em 2009 sob o título “Elogiemos os homens ilustres”. O

livro vendeu apenas 600 cópias apenas na primeira tiragem. Posteriormente, Agee publicou outras obras, entre elas o romance autobiográfico, “A Death in the Family”, em 1957, pelo qual recebeu postumamente o prêmio Pulitzer, em 1958.

Agee e Evans propuseram uma grande reportagem para mostrar um segmento social que até então não era notícia nas publicações norte-americanas. A dupla acompanhou três famílias de arrendatários de colheitas de algodão, mostrando suas péssimas condições de vida, a pobreza, os modos de vida, os rostos magros e cansados, adultos e crianças amontoados em barracos improvisados. Mas acima de tudo os textos e fotos destacam a dignidade humana apesar de tudo.

O jornalista se propôs a ampliar o material assim que percebeu a realidade do lugar. O que era para ser uma simples reportagem para uma revista se transformou em um tratado contra a pobreza extrema. O livro, que poderia estar enquadrado no gênero livro-reportagem, apresentou um quadro profundo, preciso e minucioso sobre as condições de vida daquelas pessoas no Alabama. Agee criou um retrato permanente de um segmento invisível da população americana. A obra chegou a ser definida como antropológica cultural, romanesca, poética. Mas se traduziu como um belo exemplo de reportagem bem escrita, emoldurada pelas 61 fotos de Evans, duramente reais e poéticas.

Mais do que jornalismo alternativo, engajado ou qualquer conceito que o valha, Agee e Walker realizaram um jornalismo de bordas. James Agee mostra a rejeição do *status quo* da sociedade em relação aos miseráveis, aos desvalidos, aos que não têm vez. Agee não critica e nem repreende o estilo de vida das pessoas. Ele se insere em suas vidas, como intruso ou não, para mostrar a sua visão de mundo. Com isso, respeita a sua dignidade, e mostra com sensibilidade e honestidade a miséria humana.

No Brasil, teremos como representantes desse jornalismo de bordas alguns profissionais como João Antônio, que atuou como repórter da revista Realidade, na década de 60. Mais recentemente, pode-se incluir a jornalista Eliane Brum, atualmente correspondente do jornal espanhol El País, mas que se consolidou como repórter das margens, do outro olhar, no jornal Zero Hora de Porto Alegre e posteriormente na revista Época.

BORDAS, *SLOW*, ETNOGRAFIA E JORNALISMO PURO

É possível traçar paralelos e aproximações entre o jornalismo de bordas, o *slow journalism* e a etnografia em conceitos e, especialmente, no processo de produção e criação de um jornalismo diferenciado. Poderia se afirmar que a miscigenação dessas ideias traria a ideia de um jornalismo puro, onde o objetivo principal do processo seria o de levar uma narrativa justa, limpa, honesta e profunda ao leitor. Um contraponto ao jornalismo rápido, superficial, de dois parágrafos, pronto para ser digerido de forma instantânea como um *fast-food* mas, quase sempre, sem a qualidade para alimentar de saber e de informação a sociedade.

O jornalismo de bordas se realiza basicamente pela observação participante do jornalista. Sem conviver e trocar experiências com a comunidade social do (s) personagem (s) é praticamente impossível a narrativa se fazer fiel ao leitor. Foi o caso de Agee e Evans no Alabama, foi o caso de João Antônio em suas grandes reportagens da Realidade, foi o caso de Eliane Brum em seus “olhos da rua”, caso também de Rodolfo Walsh em seu Operação Massacre. O repórter mergulhou na história, contou a histórias de seus personagens, em um relato documental da vida. E com uma relação direta com a etnografia e/ou com o trabalho de um antropólogo.

O jornalismo de bordas está permeado com características como a documentalidade do real, o forte apelo verificável e o grande impacto impressionista. Notam-se narrativas que entrecortam nuances de uma realidade social sufocada, degradada, por vezes. Os narradores e personagens se autoflagelam na ânsia em mudar a trágica vida que os rodeia. O retrato documental de tais cenários evidencia uma busca pelas bordas. Seus textos mostram a criação de camadas a partir das realidades vista nas ruas, passando para o tratamento textual que vagueia entre o jornalismo e o literário e chega na camada de interpretação, onde o leitor tem acesso à uma verve diferenciada do padrão jornalístico produtivo vigente.

Obviamente que ainda é um material incompleto, muito mais calcado na empiria da observação do que propriamente em um levantamento científico, mas pode ser um começo de busca por respostas desses dois modelos jornalísticos e sua relação com a etnografia. Entre os aspectos elencados, estão o poder da narrativa, a importância das

histórias de interesse humano, o apego às histórias ainda não contadas (extrapauta) e o descompromisso com a necessidade do furo.

Outro diferencial da práxis desses tipos de jornalismo em relação aos conceitos tradicionais é a proposta de uma espécie de ruptura, no qual o jornalismo deve estar alicerçado pelo elemento da investigação aguda da realidade. Ao se retratar como puro tradutor objetivo do acontecimento, o jornalista constrói o *status quo* do processo produtivo jornalístico. Como jornalista de bordas e também no *slow journalism*, o profissional afirma que a imersão social, em seus caminhos tortuosos, seria o objeto a ser percorrido pela sua caneta. Assim, o modelo paradigmático do *New Journalism* e do *Testimonio* tem profunda similaridade com o jornalismo de bordas. Assim como a etnografia.

Para Bulhões (2007) a prática da reportagem desse jornalismo ocorre como uma ferramenta de apreensão de seu universo específico, corrosivo, a trabalhar com aspectos, também muito específicos, de atividade jornalística. Operando com o documental circunstanciado, trata-se de um modo *sui generis* de jornalismo, pois opta por uma atitude de imersão na realidade com a qual depara ao se contagiar com a linguagem do excluído.

Há dois modos de comportamento dos textos de jornalistas de bordas. No primeiro, o jornalista é um repórter-observador, um coletor de dados e apurador, profundo conhecedor da cidade e do universo a ser retratado. Embora possa utilizar linguajar e culturas desses personagens, a partir da observação participante, se distingue deles, se afasta quase de maneira onisciente, mas de forma lúcida e competente. O narrador-repórter registra, então, a linguagem do excluído, do marginal, das bordas do jornalismo, das pautas, da sociedade. Mas, ao mesmo tempo, considera-se parte dessa exclusão, comprovado pelo discurso direto.

Na relação com o *slow journalism*, assim como no jornalismo de bordas, a ideia é produzir um bom, justo e limpo produto para a sociedade. Sendo o *slow* um movimento que se contrapõe à forma como a produção de conteúdo e de informação tem sido é atualmente feita – principalmente em espaços digitais: análises rasas e sem profundidade no estudo e na coleta dos dados para se escrever a uma reportagem jornalística – nada mais adequado que se compare às grandes reportagens imersivas e profundas do ponto de vista, até, antropológico, propostas por esses jornalistas de

bordas. Esse formato “de se fazer” e de “se pensar” tanto a comunicação quanto o jornalismo poderá, portanto, ganhar ainda muito espaço na contemporaneidade, já que propõe uma nova forma de pensar e produzir as reportagens jornalísticas.

Mas a diferença crucial do jornalismo de bordas e o *slow journalism* para o jornalismo tradicional pode ser traduzido na dificuldade ou incapacidade de assimilar esta avalanche noticiosa gera uma angústia informativa, que reduz a capacidade de entender e refletir sobre questões complicadas. A soma de todas estas consequências da urgência e da primazia na veiculação de notícias, ao reduzir nossa capacidade de lidar com questões complexas e a tomar como verdade incontestável o que é publicado. Isto faz do *slow journalism* e jornalismo de bordas uma solução editorial capaz de reduzir a angústia informativa de leitores, ouvintes, telespectadores e internautas, provocada pela falta de explicação para questões mais profundas.

REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, Luis Fernando. **Jornalismo de beiradas: a transgressão no processo produtivo e criativo do jornalista João Antônio**. Covilhã: Labcom Edições, 2014.

_____. **Narrativa literária nas bordas do jornalismo: transgressão, controle, autoria, tempo e memória no processo produtivo e criativo jornalísticos**. Relatório de pós-doutorado, Universidade Metodista de São Paulo, 2017.

_____. **Jornalismo de Bordas: a transgressão no processo produtivo e criativo do jornalista João Antônio**. Tese de doutorado, Unisinos: São Leopoldo, 2013.

BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto alegre: Arquipélago Editorial, 2006.

_____. **O olho da rua**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2016.

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.

CAREY, James. **The communications revolution and the professional communicator**. In Paul Halmos (Ed.), *The Sociology of Mass Media Communicators*. Keele, Great Britain: University of Keele, 1969.

CANAVILHAS, João. **Webjornalismo: 7 características que fazem a diferença**. Covilhã: Livros Labcom, 2014.

- CASTILHO, Carlos. **O “jornalismo lento” como alternativa à “montanha russa” noticiosa.** Publicado em 07/10/2016, na edição 922, do site Observatório da Imprensa.
- HERSCOVITZ, H. G. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Vol. I Nº 2 – 2º Semestre de 2004.
- MEDINA, Cremilda. **Povo e personagem.** Canoas: Ulbra, 1996.
- PRAZERES, Michelle. **Você sabe o que é jornalismo lento?** Artigo publicado em <https://casperlibero.edu.br/2017/10/05/o-que-e-jornalismo-lento>.
- ROVIDA, Mara Ferreira. **Etnografia e reportagem jornalística: aproximação possível para uma metodologia de pesquisa empírica.** Líbero – São Paulo – v. 18, n. 35, p. 77-88, jan./jun. de 2015.
- SPICKARDS, James V. **Slow Journalism? Ethnography as a Means of Understanding Religious Social Activism.** University of Redlands, 2017.
- VARGAS, Raul Hernando Osório. **A reportagem literária no limiar do século 21: o ato de reportar, os jovens narradores e o projeto São Paulo de Perfil.** Dissertação de mestrado apresentada ao PPGCOM da ECA-USP, São Paulo, 1998.